

INVESTMENT CENTER DEUTSCHE BANK PORTUGAL

K & K – Keynes & Krugman

Deutsche Bank



São muitos os que têm recorrido (de novo) aos estudos e pensamentos do economista John Maynard Keynes para compreender e avaliar soluções para a actual crise económica, por um lado, e para encontrar alguma tranquilidade, por outro!

Em termos simplistas, Keynes defendia que numa economia em crescimento e com pleno emprego, assim como um fluxo financeiro regular (leia-se sistema financeiro a funcionar!), o rendimento auferido pelas pessoas não era todo gasto em consumo. A parte que não era gasta representava a poupança que, na busca do rendimento, era canalizada para o investimento. A taxa de juro servia de incentivo à poupança, sendo que o investimento era efectuado pelos homens de negócios que acreditavam numa taxa de retorno superior ao custo (do juro). Enquanto o estado das coisas assim fosse, lá o rendimento e o emprego iam crescendo, pois o investimento tinha um factor multiplicador.

No entanto, qualquer razão quebrassem a confiança dos homens de negócios na capacidade do investimento em remunerar acima da taxa de juro (o custo) ou de um qualquer pessimismo das famílias quanto à sustentabilidade dos seus empregos, poderia levar as pessoas a quererem ter mais das suas poupanças em liquidez, cortando inclusive nos seus níveis de consumo para o conseguirem. Como o montante da liquidez total numa economia é fixo, se todos quisessem deter mais liquidez ao mesmo tempo, então todos teriam de reduzir o seu consumo, resultando numa quebra do rendimento

de todos (se um reduz o consumo, o outro que produz vê o seu rendimento reduzir). Ao reparar que os rendimentos estavam a cair, todos cortariam ainda mais no consumo, e lá se ia o rendimento mais uma vez, e assim sucessivamente... O processo terminaria (com uma contracção económica) quando a vontade de deter liquidez caísse para o nível da sua oferta. Isto, resumidamente, explica os ciclos económicos segundo Keynes.

O que poderiam as autoridades fazer perante uma situação destas? A resposta, simples, de Keynes era que as autoridades deveriam dar às pessoas toda a liquidez que quisessem sem terem que reduzir o consumo para obter. Se isto não fosse suficiente (sim, é possível dar toda a liquidez e mesmo assim as pessoas não aumentarem o seu consumo), o Estado deveria intervir e fazer aquilo que os privados não estavam dispostos a fazer: gastar/investir.

Foi precisamente isto que as autoridades fizeram, com sucesso, para tirar a economia americana da recessão de 1981/82 e 1990/91, do difícil período pós-11 de Setembro/2001, e para prevenir contra uma recessão após o "crash" bolsista de 1987.

Agora entra em cena o 2º protagonista deste artigo: Paul Krugman, o recém-anunciado prémio Nobel da economia. Num artigo em 1998, Krugman relata a história que diz ter mudado a sua vida e que lhe acaima em momentos de crise, lhe traz esperança em momentos de depressão e o ajuda a resistir ao fatalismo e pessimismo.

A história é utilizada como experiência

do funcionamento macroeconómico segundo as ideias de Keynes. É contada no artigo "Monetary Theory and the Great Capital Hill Baby-sitting Coop Crisis", publicado por Joan e Richard Sweeney, no "Journal of Money, Credit and Banking" de 1978.

Os Sweeney integravam um grupo de cerca de 150 casais novos em Washington com ligações ao Congresso (sendo a maioria advogados), que criou uma cooperativa de baby-sitting por forma a obviar a necessidade de pagar a adolescentes para o fazer. A ideia era simples: um casal com crianças que decidisse ficar em casa em determinada noite não se importaria de cuidar das crianças do outro casal que quisesse sair nessa mesma noite, e vice-versa. Por forma a facilitar o funcionamento deste sistema, garantindo que cada um contribuía adequadamente para ele, foram introduzidos cupões em papel, cada um equivalente a uma hora de "baby-sitting". Um casal que se prestasse a fazer "baby-sitting" por, digamos, 3 horas recebia 3 cupões que poderia posteriormente utilizar para ele próprio poder "pagar" a outro. Enquanto as pessoas honrassem os compromissos, o que poderia falhar neste aparente sistema ideal?

Bom, de facto, tecnicamente, houve uma falha. Quando um casal não saísse durante várias noites seguidas, poderia o mesmo acumular um "stock" de cupões (ao prestar serviços de "baby-sitting" para outros), para depois o vir a reduzir quando quisesse sair com maior frequência. Deste modo, haveria com certeza muitos casais a quererem man-

ter um "stock" de cupões. Por isso, muitos cupões deveriam estar em circulação a dado momento nesta cooperativa para satisfazer tais necessidades.

Por determinada razão, a certo momento o número de cupões em circulação ficou muito reduzido. Os casais começaram a reparar nesta redução e quiseram precaver-se, tentando aumentar o seu "stock" de cupões. Quanto mais quiseram aumentar este seu "stock", mais dificuldades tinham em fazê-lo, o que reforçou a tentativa de aumentar o stock ainda mais. Quando todos quiseram aumentar o "stock" ao mesmo tempo já não havia cupões suficientes no sistema para satisfazer todas as necessidades. Então os casais começaram a ficar mais tempo em casa para poderem manter o seu "stock" de cupões. Quando todos finalmente quiseram ficar mais tempo em casa, não havia ninguém a querer sair e assim "pagar" a outros com os seus cupões. A cooperativa deixou, rapidamente, de funcionar – entrou em recessão!

Soluções? Como a maioria dos membros eram advogados, a primeira solução foi legislar – instituindo a obrigatoriedade de cada casal sair pelo menos duas vezes por mês. Esta "violação" da liberdade de escolha de cada um acabou por não ser um sucesso. No grupo ganhou a iniciativa dos economistas – emitir e fazer circular mais cupões!

Provavelmente, consegue o leitor, tal como Krugman, usar esta análise para melhor entender a crise actual, e avaliar o provável sucesso das medidas necessárias para a começar a resolver?